01 – Introdução e O que é Comunismo?

No que consiste a live de hoje?

A live de hoje vai ser um apanhado de princípios básicos do comunismo,

ou seja, se você tá tendo contato com comunismo pela primeira vez,

talvez esse vídeo seja um bom para começar.

E o meu objetivo aqui é apresentar as bases comuns do comunismo.

E por que que eu digo bases comuns?

Porque existem diferentes linhas de comunismo.

Só que eu vou apresentar as bases que são comuns a todas essas linhas.

Tirando alguns sectos estranho aí.

Aqui vai ser o básico do básico mesmo.

No final dessa live, eu vou apresentar um guia de leitura,

disponibilizando todos os livros de maneira gratuita menos um,

depois a gente entra nesse mérito,

e sugerindo uma ordem de leitura, tá?

Eu recomendo fortemente que vocês leiam,

não usem só o vídeo como referência.

Vale muito a pena ler e reler mesmo que você já domine

o tema para você conseguir assentar ele na sua cabeça.

Vale a pena buscar bibliografia adicional porque o que eu vou dar

aqui de bibliografia básica é bem básica mesmo, tá?

Bem básica mesmo.

Então, vamos lá: princípios básicos do comunismo.

Aqui, eu já quero fazer um agradecimento para a Groselha Atômica.

@panquetriste que fez essa arte maravilhosa que tá aí na tela.

Eu queria agradecer também o Thales Caramante

e o João Carvalho que me ajudaram com o roteiro dessa live.

E eu faço também um pedido para se você é

um marxólogo que tem pós-doutorado em marxismo.

Por favor, entenda que eu estou falando de maneira básica, simplificada, tá?

Não precisa citar o Grundrisse,

as cartas que o Marx mandou para não sei quem, não precisa tá?

A gente sabe que você manja muito de Marx.

E beleza, outro dia a gente conversa sobre isso, tá?

Então, vamos lá: o que que é comunismo?

Anticlickbait, definição na tela:

o comunismo é a doutrina das condições de libertação do proletariado.

Isso é uma citação do Engels,

no livro chamado “princípios básicos do comunismo”.

Então, primeiro de tudo, não se assustem com a palavra doutrina.

Doutrina significa conjunto de princípios.

Não é tipo doutrinação, não confunda doutrina com dogma.

É que hoje se fala muito em doutrinação,

e as pessoas acham que isso é permanentemente negativo, tá?

Então, comunismo é a doutrina das condições de libertação do proletariado.

Caso alguém não saiba, o que que é proletariado.

Proletário é quem vive da venda da força do seu trabalho,

quem trabalha em troca de salário. Isso é o proletário.

Além disso, qual é o objetivo do comunismo.

O comunismo almeja uma sociedade sem classes sociais, ou seja,

uma sociedade sem exploração do ser humano por outro ser humano.

E uma sociedade sem classes só pode existir

mediante uma sociedade sem propriedade privada dos meios de produção.

E, ao final, sem Estado.

É uma sociedade livre de exploração sem classes sociais,

sem a propriedade privada dos meios de produção e sem Estado.

É isso. Isso é o comunismo.

O comunismo já aconteceu na história?

Não, a União Soviética não foi um país comunista, Cuba não é um país comunista, a China não é um país comunista.

Tem classes? Não é comunismo. Tem Estado? Não é comunismo.

Então o comunismo é onde nós queremos chegar.

Nós vamos falar sobre o que que a União Soviética, Cuba

e a China e etc. são ou foram.

Então, vamos lá.

Quem delineou pela primeira vez esse conjunto de princípios?

Quem que descreveu? Quem teorizou esse conjunto de princípios?

E agora a gente tem que falar dele, né?

Karl Marx. O Marx é o teórico mais importante de todo o conjunto de princípios comunistas.

O Marx é absolutamente incontornável.

É impossível ser comunista sem ler Marx. Impossível.

Primeiro de tudo: marxismo e comunismo são a mesma coisa?

Não, marxismo e comunismo não são a mesma coisa,

mas eles estão intimamente conectados.

A diferença entre marxismo e comunismo vai ficar

um pouco mais clara ao longo da nossa exposição,

mas lembrem que não são exatamente sinônimos, tá?

E no que que o marxismo consiste? O que que é o marxismo?

Marxismo contém três partes constitutivas: uma parte filosófica,

uma econômica e uma política.

A parte filosófica consiste no materialismo histórico-dialético,

a parte econômica, na crítica da economia política

e a parte política, do socialismo científico.

Essas partes não são isoladas entre si, tá?

Elas não estão isoladas. Elas se imiscuam, elas interagem.

Nessas três partes, estão as bases comuns de qualquer comunista.

Meu objetivo aqui não é contar

a história da vida do Marx, do Engels e do Lenin, tá?

Só vou contar um pouquinho da história do Marx para ficar

um pouquinho mais claro o que eu ‘tô querendo dizer.

Então, em 1818, o Marx nasce numa cidade chamada Trier,

que é na antiga Prússia, onde hoje é a Alemanha.

Na década de 1840, ele começa a escrever para um jornal na Prússia

e ele é expulso da Prússia porque ele era

muito crítico à política dos monarquistas.

A política monárquica da Prússia.

Em 1844, ele vai para França, exilado,

e ele conhece um cara chamado Friederich Engels.

O cara que tem o bigode mais longo que eu já vi na minha vida.

O Engels era filho de um burguês industrial

e que ia ser amigo, parceiro intelectual e mecenas do Marx.

E para quem não sabe mecenas é quem financia algum projeto.

Então, sim, o Engels era filho de um burguês, mas o Marx, não.

O Marx tinha estudado Filosofia na Universidade de Berlim

e lá ele fez parte de um grupo chamado jovens hegelianos.

Aqui tem uma ilustraçãozinha dos jovens hegelianos.

Como o nome já diz, o Marx estudando Filosofia na Universidade de Berlim,

ele foi muito influenciado pela filosofia dominante na Alemanha nessa época que

era a filosofia do Hegel.

E aí, na década de 40, o Marx e o Engels começam a elaborar

uma crítica aos jovens hegelianos.

Eles começam a divergir dos jovens hegelianos

e divergir do próprio Hegel.

Essa crítica que o Marx e o Engels fazem ao Hegel e aos jovens hegelianos

ia consistir no pilar filosófico do marxismo.

E aí eu quero fazer um adendo, tá? Eu quero pedir licença.

Talvez, nessa Live, talvez eu comece pelo mais difícil.

Há quem diga que o pilar filosófico do marxismo é o mais difícil.

Só que por que que eu escolhi falar dele primeiro se ele é o mais difícil? Porque o Marx formulou os outros pilares a partir da filosofia.

O pilar filosófico foi o primeiro a ser formulado.

E o pilar filosófico nos dá o método marxista.

Então, se você está tendo dificuldade de entender,

saiba que isso não é extraordinário. É algo que até comum.

Eu demorei muito tempo para entender esse pilar filosófico.

Demandou bastante leitura.

O que eu peço é que você dê uma chance para tentar

pelo menos se familiarizar com vocabulário.

No final, como eu falei, vou dar leitura adicional para tentar

melhorar um pouco esse processo.

Então, vamos lá. Voltando para o início da nossa explicação.

Vocês sabem que o comunismo é

o conjunto de princípios da libertação da classe trabalhadora.

Colocando em outras palavras pra ficar mais claro.

O objetivo final é o fim das classes,

fim da propriedade privada dos meios de produção e o fim do estado.

E aí já deve estar surgindo na mente de algumas pessoas que ouvem

falar disso pela primeira vez:

mas isso não utópico? Isso não é idealismo?

Já ouviram falar que o comunismo é utópico? Que é uma utopia?

E os comunistas são idealistas?

02 – Materialismo Histórico Dialético

Então, mal sabem as pessoas que nunca entraram em contato com comunismo

que o comunismo surge como uma crítica ao utopismo

e uma crítica ao idealismo.

O pilar filosófico do marxismo se constitui

como uma crítica a utopismos e idealismos.

E é disso que a gente vai falar agora.

A gente vai falar no materialismo histórico-dialético

que é um nome que já assusta, né? Um palavrão filosófico,

e por isso que eu falei que talvez eu tenha escolhido começar pelo mais difícil, mas eu peço que vocês deem uma chance, tá?

Então, vamos lá. Lembra que o Marx era um jovem hegueliano?

Então, mesmo sendo muito crítico à filosofia do Hegel.

O Marx foi muito influenciado pelo Hegel.

Influenciado de que forma?

Principalmente a respeito de uma coisa chamada dialética.

Então, materialismo histórico-dialético, a gente vai começar

conversando um pouco sobre dialética.

E o que que é dialética?

Isso é algo que a gente precisaria de dez tomos para responder.

Só que eu vou tentar resumir.

Primeiro de tudo, a dialética hegeliana se contrapunha a outro método filosófico que é a metafísica, que é o método filosófico que era dominante até Hegel.

Para a gente entender dialética,

vale a pena a gente entender o que que é metafísica

porque uma coisa esclarece a outra.

Esse é o trecho da live que eu mais vou fazer citações, tá, gente?

Eu vou evitar trazer muita citação aqui,

mas essas situações eu acho que elas ajudam

porque essa parte é difícil mesmo, tá?

Então, vamos lá. Nós falamos que a dialética se contrapõe à metafísica.

Engels: “Para o metafísico, as coisas e suas imagens no pensamento, os conceitos, são objetos de investigação isolados, fixos, rígidos, focalizados, um após o outro, de per si, como algo dado e perene. Pensa só em antíteses, sem meio-termo possível; para ele, das duas uma: sim, sim; não, não; o que for além disso, sobra. Para ele, uma coisa existe ou não existe; um objeto não pode ser ao mesmo tempo o que é e outro diferente. O positivo e o negativo se excluem em absoluto”.

Então isso é a metafísica.

Em resumo: a metafísica é um método que trabalha com categorias fixas

e isoladas entre si.

Já a dialética, outra citação do Engels:

“...focaliza as coisas e suas imagens conceituais substancialmente em suas conexões, em sua concatenação, em sua dinâmica, em seu processo de nascimento e caducidade, fenômenos como os expostos não são mais que outras tantas confirmações de seu modo genuíno de proceder”.

Isso ele tá se referindo a trechos do livro que eu estou citando aqui, “Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico”, do Engels.

A dialética é a filosofia que trabalha com categorias em constante movimento e relacionadas entre si através de contradições, de contrários.

Então, usando um exemplo clássico que o Engels usa,

a famosa dialética do senhor e do escravo.

De maneira resumida, só existe senhor se existe escravo.

O senhor e o escravo não são categorias isoladas fixas e imóveis.

A categoria de senhor só existe mediante a existência da categoria de escravos. Em suas contradições entre senhor e escravo.

Suas categorias se movem ao longo da história,

mas eu não vou entrar muito na dialética do senhor e do escravo.

Eu só ‘tô mostrando para vocês como as categorias que a dialética trabalha

são categorias conectadas e móveis. É isso.

Então, segundo Engels, é uma analogia que ele faz que eu acho boa.

A metafísica preocupada com as árvores não consegue ver o bosque.

Para ele e para o Marx,

a dialética era muito mais adequada para compreender

não só os fenômenos das ciências naturais, como da sociedade.

Um exemplo que o Engels usa de dialética nesse livro aqui que eu citei.

É a teoria evolutiva do Darwin.

Então, a teoria evolutiva do Darwin deu um baque enorme na metafísica

porque ela trabalha com uma transformação,

uma movimentação histórica a longuíssimo prazo.

Ela tornou impossível trabalhar com categorias fixas,

as categorias são móveis.

Elas se transformam, elas surgem e deixam de existir

conforme a história caminha.

Esse é o princípio dialético da filosofia do Marx,

que é influenciada pelo Hegel.

Vamos agora a outra parte, era materialismo histórico-dialético.

Vamos falar de materialismo. Materialismo.

E eu quero pedir para vocês fazerem um exercício agora.

Olha em volta, seja aonde você estiver. Olha em volta.

Olha para tudo que tá te rodeando.

Vê se tem uma mesa perto, um computador, um celular,

uma cadeira, qualquer coisa.

E observa, eu quero que você pense no seguinte:

quem que fez essas coisas? Quem fabricou?

Se tem uma cadeira onde você tá, quem fabricou essa cadeira?

Tem um sofá, quem fabricou esse sofá?

E mais, quem transportou esse sofá até aí?

Se o sofá tem peças de metal, quem minerou os metais?

Quais foram as mãos que tiraram essas metais do veio da terra?

Agora eu quero que você pense,

o quão pouco a gente pensa sobre isso.

O quão pouco a gente pensa sobre quem fez os objetos que nos rodeiam.

E não, gente, não foram máquinas, não foram só máquinas.

Nós estamos rodeados de uma quantidade imensa de trabalho humano.

Só que a gente não percebe.

A gente está desconectado do trabalho humano que nos rodeia.

O que é o materialismo histórico, principalmente a parte de materialismo? Materialismo é a concepção de que a produção material é

a base da nossa ordem social.

Não só a gente tem que pensar em quem fez o que nos rodeia

mas isso que nos rodeia é

a base para como a gente se organiza socialmente.

As duas coisas estão conectadas.

Esse é o grande trunfo do materialismo.

Vamos voltar um pouquinho para o Hegel agora.

O Marx incorporou a dialética do Hegel.

Só que o materialismo ele surge como uma crítica ao Hegel.

E crítica ao que do Hegel? O Hegel era um Idealista.

Lembra que eu falei que o marxismo surge como uma crítica ao idealismo?

Essa crítica ao idealismo está

principalmente numa crítica à filosofia do Hegel.

Então, Marx pega a dialética hegeliana, mas exclui o idealismo.

Então, vamos pegar uma citação do próprio Marx:

“Meu método dialético, em seus fundamentos, não

é apenas diferente do método hegeliano, mas é exatamente o seu oposto.

Para Hegel, o processo de pensamento, que ele,

sob o nome de Ideia (com ‘i’ maiúsculo), chega mesmo a transformar

num sujeito autônomo,

é o demiurgo (para quem não sabe, demiurgo é divindade) do processo efetivo,

o qual constitui apenas a manifestação externa do primeiro.

Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material,

transposto e traduzido na cabeça do homem”.

Isso aqui é uma citação Capital.

Vou explicar, calma que eu sei que é complicado, tá?

Pro Hegel, a realidade é uma manifestação das ideias humanas,

é uma manifestação do pensamento humano.

E o pensamento humano, por sua vez, é a manifestação de uma Ideia original

(com “i” maiúsculo), que é oriunda, que vem da divindade de Deus.

O Hegel tem uma visão teológica da filosofia.

E os jovens hegelianos também eram idealistas.

Eles acreditavam que o impedia a sociedade de se desenvolver

eram as ideias nas mentes das pessoas.

Precisava haver uma revolução do pensamento das pessoas,

daí a partir do pensamento da razão, a gente transformar a realidade.

E mais que isso, conforme o capitalismo foi se desenvolvendo,

surgiram filósofos que viam que estava acontecendo,

viam o avanço da pobreza, da miséria,

e concebiam sociedades mais justas, mais igualitárias que fossem

libertadoras para toda a humanidade.

Aonde? Na cabeça deles.

Segundo Engels, quanto mais detalhadas eram essas sociedades,

mais distantes elas eram da sociedade real.

Esses filósofos ficaram conhecidos como socialistas utópicos.

Utopia para quem não sabe, é o não-lugar.

Idealismo, gente, é você criar uma ideia na sua cabeça

e tentar aplicar à realidade.

O materialismo é o inverso disso, tá?

O Marx coloca essa ideia de cabeça para baixo.

Não é a realidade que é criada pelas nossas ideias.

Nossas ideias são uma abstração da realidade.

Primeiro a gente entra em contato com a realidade

e depois a gente fórmula as nossas ideias, e não contrário.

E existe uma ligação inseparável, inseparável entre a realidade material,

os objetos que nos circundam,

e como a gente se organiza socialmente.

Essas duas coisas são indissociáveis.

Não existe organização social sem respaldo material, sem substrato material.

Não adianta nada a gente conceber uma sociedade na nossa cabeça e tentar

aplicar à realidade sem levar em consideração a realidade em si.

Isso é o materialismo. Essa é a diferença, tá?

E o que que é a realidade material? Para ficar mais claro,

não só natureza, natureza, como que nós produzimos.

Lembra que eu falei para a gente olhar em volta?

Isso tudo é produzido para satisfazer nossas necessidades materiais.

A gente precisa sentar, a gente faz uma cadeira.

Isso faz parte da realidade material também.

Só que não só isso, nossa produção também satisfaz

os nossos desejos culturais e intelectuais.

Não só comer, vestir, morar, mas também o que a gente deseja

consumir como cultura.

É uma citação do Marx aqui e do Engels, né?

“O que eles {os indivíduos} são coincide com sua produção,

tanto com que produzem quanto com o modo que produzem.

O que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais de sua produção.

O que nós somos, gente, depende de como a gente produz a nossa existência.

O que nós somos depende de como a gente come, onde a gente mora,

o que a gente veste, como a gente veste.

Depende disso, como a gente se transporta,

como a gente satisfaz as nossas necessidades.

Então, a maneira como a gente produz a nossa realidade,

a gente chama de infraestrutura.

Nossa infraestrutura é produção de alimentos, produção de roupas,

produção de casas, etc.

Sob essa infraestrutura, se ergue uma ordem social, se ergue em cima dela. Isso a gente chama de superestrutura.

É o que tá acima da infraestrutura.

O que que tem na superestrutura? Cultura, religião, moral, entre outras coisas. Ou seja, nossa cultura, nossa religião, nossa moral estão em cima.

Se montão em cima de uma base material.

E isso significa dizer, gente, que, por exemplo, a nossa religião tem

tudo a ver com como nós produzimos nossa realidade material,

como nós produzimos nossa comida, nossas casas, nossas roupas.

Isso está conectado, a gente nunca pode

perder de vista a base material da realidade.

Uma coisa depende da outra.

Só que, isso é um processo mecânico?

Significa que toda vez que a gente produzir comida do mesmo jeito vai

surgir a mesma religião?

Não, não significa que as mesmas bases materiais

vão produzir a mesma superestrutura,

mas que a superestrutura é dependente das bases materiais. Dependente.

Ela não é determinada de maneira mecânica, mas ela é dependente.

Isso aqui é importantíssimo,

uma vez que se ergue essa superestrutura,

essa superestrutura impacta novamente as bases materiais.

Então, a nossa cultura, a nossa religião, a nossa moral pode

impactar como a gente produz a nossa realidade.

Só que ela não existe sem essa realidade.

Isso é um movimento dialético.

Lembra a gente falou que a dialética era importante?

Em suas conexões, em seu movimento, e não em categorias fixas.

Infraestrutura e superestrutura não são categorias fixas e móveis.

Elas se conectam, elas interagem entre si e elas se movem.

Eu sei que é difícil, mas dá uma chance e pelo menos fica

familiarizado com esse vocabulário: materialismo, base material,

infraestrutura, superestrutura, dialética, etc.

E aí, lembra que era materialismo histórico-dialético?

Onde que entra a parte histórica?

Esse método faz com que o Marx e o Engels olhem

para a história através de como as pessoas produziram

a sua realidade para satisfazer as suas necessidades

e como isso afetava a ordem social.

Então, pro Marx e pro Engels, o primeiro fato histórico é

a satisfação das nossas necessidades.

A primeira vez que humano construiu uma ferramenta para conseguir se satisfazer. Esse é o primeiro fato histórico.

A partir do momento que a gente satisfaz uma necessidade, a gente cria outras. Esse processo histórico é o processo de criação de novas necessidades.

a roda da história vai girando

conforme a gente vai satisfazendo nossas necessidades.

Então, Marx e o Engels olham para a história e veem:

como se produzia? A partir dessa produção qual que era a ordem social?

Como a ordem social de tal sociedade se conecta

com como essa sociedade produzia?

Isso é o materialismo histórico.

Então, para resumir, vamos lá, tem uma citação longa,

mas é uma citação que amarra tudo que eu falei.

“A concepção materialista da história parte da tese de que a produção,

e com ela a troca dos produtos é a base de toda ordem social;

de que em todas as sociedades que desfilam pela história,

a distribuição dos produtos e juntamente com ela

a divisão social dos homens em classes ou camadas,

é determinada pelo que a sociedade produz e como produz

e pelo modo de trocar os seus produtos.

De conformidade com isso, as causas profundas de todas as transformações sociais e de todas as revoluções políticas não devem ser procuradas

nas cabeças dos homens nem na ideia que eles façam

da verdade eterna ou da eterna justiça,

mas nas transformações operadas no modo de produção e troca;

devem ser procuradas não na filosofia, mas na economia da época de que se trata.”

Então, gente, as revoluções incluindo as revoluções burguesas

não foram feitas da maneira como os próprios liberais descrevem.

Os liberais dizem que as pessoas começam a demandar mais liberdade,

e aí isso impulsionou a revolução.

Não. As revoluções acontecem quando o nosso modo de produzir

e reproduzir a vida se transforma.

Toda a revolução tem uma base material, tem um substrato material.

Ela não surge na cabeça de alguém e depois ela é aplicada a realidade

porque isso é impossível, isso vai contra as leis da natureza.

E isso é o que a gente chama de idealismo.

03 – Crítica da Economia Política

O Comunismo, o Marxismo surge como uma oposição em uma crítica ao idealismo

e ao utopismo, show?

Então, vamos lá, prestem atenção nessa última situação aqui do Engels:

“devem ser procuradas não na filosofia, mas na economia”.

É disso que a gente vai falar agora: A Crítica da economia.

Então, uma coisa que eu preciso que vocês prestem atenção é o seguinte:

Por que eu expliquei primeiro pelo pilar filosófico?

O pilar filosófico nos dá o método.

E o Marx e Engels analisam tudo daqui para frente a partir desse método.

Sempre o prisma é o materialismo histórico-dialético.

Esse método é aplicado à realidade para compreender a realidade.

E agora a gente vai para o Pilar econômico do Marxismo.

Lembra que eu falei que o Marx foi exilado na França e ele conhece o Engels lá? Então, o Engels lê os textos do Marx e ele faz uma crítica aos textos do Marx. Ele fala: “Marx, tá faltando uma dimensão econômica nas suas análises.”

E aí o Marx, ele se enfurnar numa biblioteca

e ele lê os escritos dos economistas ingleses,

principalmente esses dois que estão aí na tela: Adam Smith e o David Ricardo.

E aí eu preciso fazer um esclarecimento aqui:

Vocês tão vendo que eu tô empregando o termo economia política?

Na época, o termo economia política era dominante

porque se tinha clareza de que economia e política eram indissociáveis.

Conforme a economia burguesa foi se tornando dominante,

eles deixaram de lado político para dar uma pretensa neutralidade para economia. “Não, não. Economia não se relaciona com política. Economia é economia.

Economia é de exatas, a gente faz um estudo da realidade de maneira neutra.”

E para os marxistas, até hoje a expressão utilizada é Economia política, tá? Marxista não desassocia a economia de política. Nunca.

Inclusive, eu até coloquei aqui, ó.

Para quem não sabe, a obra máxima do Marx que é “O Capital”, “Das Kapital”,

tá escrito aqui: “crítica da economia política”,

“O Capital. Crítica da economia política”, é o subtítulo.

Então, a economia Marxista se desenvolve a partir

de uma crítica da economia política dos economistas burgueses.

E há quem diga, só para deixar isso claro para vocês,

há quem diga que não existe uma economia Marxista,

que a economia marxista é a crítica à economia burguesa,

mas vocês vão ver controvérsia a respeito disso.

Só para avisar que isso existe.

No que consiste a crítica da economia política do Marx?

Basicamente, numa análise do capitalismo.

O Marx viveu numa época na qual capitalismo já era dominante.

Só que, o que é capitalismo, gente? O que é capitalismo?

E aí eu vou falar para vocês, esse trecho de Crítica da economia política

vai ser um trecho que eu vou vacinar vocês com um vocabulário necessário

para compreender a Crítica da economia política, tá?

Aqui a gente vai fazer uma espécie de glossário porque é necessário, tá? Entender de verdade saber descrever o que significa esses termos.

Eu vou falar assim, só com a câmera, e depois a gente vai recapitular.

Então, fiquem tranquilos.

O que é o capitalismo? O capitalismo é um Modo de produção, Modo de produção.

O que é um Modo de produção? Modo de produção é o resultado das interações

entre forças produtivas e relações de produção.

O que são forças produtivas e relações de produção? Forças produtivas são

como os humanos atuam sobre a natureza.

Relações de produção são como os humanos atuam uns sobre os outros.

Então, nós temos uma atuação sobre a natureza e uma atuação um sobre os outros. A interação dessas duas atuações resulta no modo de produção, beleza?

Aspecto número 1: Quais são as forças produtivas capitalistas?

As forças produtivas capitalistas são o emprego da indústria, do maquinário,

da automação de matrizes energéticas e principalmente, principalmente a divisão do trabalho, divisão do trabalho.

No Capitalismo, nosso trabalho é fragmentado,

ele é dividido em pequenas partes especializadas.

Então, a nossa força produtiva capitalista não é só máquina,

é como nós dividimos esse trabalho.

O que são as relações de produção? Nós falamos das forças produtivas

agora temos relações de produção.

As relações de produção capitalistas são baseadas

na exploração do trabalho do Proletário pela Burguesia, tá?

A base da relação de produção capitalista é a exploração.

A gente vai explicar como se explora mais para frente.

E antes de qualquer coisa, essa o exploração se baseia numa divisão de classes.

O que são classes? Classe, gente, é uma divisão social do trabalho.

Existem sociedades sem classes? Sim. Em sociedade sem classes

todo mundo tem que trabalhar, todo mundo usufruir dos frutos do trabalho

e o trabalho é dividido por habilidade ou aptidão.

Esse tipo de divisão, a gente chama de divisão natural.

Em sociedades com classe, a divisão não é natural, ela é social.

E o que isso quer dizer? Imagina que você trabalha numa fábrica.

O dono da fábrica não tá menos apto a trabalhar na fábrica do que você.

Então, por que que você trabalha na fábrica e ele não?

Sendo que ele tem as mesmas aptidões que você.

Porque ele faz parte de outra classe.

O que determina a classe é qual posição você ocupa na cadeia produtiva.

E no capitalismo, essas classes se resumem em cada vez mais em burgueses.

Ou seja, a classe que não trabalha e detém os meios de produção,

e proletariado, a classe que trabalha e não detém nada

a não ser a sua força de trabalho.

O que divide essas classes não é aptidão, não é habilidade,

não é vocação, é social.

Pois bem, outra característica das relações de produção.

Nós temos classes e uma dessas classes detém os meios de produção,

ou seja, esses meios de produção são Propriedade privada.

Uma das características centrais do capitalismo é a Propriedade privada.

O que é propriedade privada? Existe uma definição clássica

dos próprios economistas burgueses: Propriedade privada é

a livre disposição da força de trabalho de outrem.

Quando a gente está falando de Propriedade privada,

a gente está falando de Propriedade privada dos meios de produção.

Por que Propriedade privada, só Propriedade privada

virou sinônimo de Propriedade privada dos Meios de produção?

Porque a Propriedade privada dos Meios de produção foi

a primeira forma de Propriedade privada.

Então, na época do Marx, do Smith, do Ricardo falar em Propriedade privada era falar de Propriedade privada dos Meios de produção.

Voltando à definição: Propriedade privada é

a livre disposição da força de trabalho de outrem.

Eu dou um exemplo: lembra que Modo de produção é

a interação entre força produtiva e relação de produção?

Nós tivemos outros Modos de produção? Sim.

Nós tivemos, por exemplo, o modo de produção feudal.

nós tivemos, por exemplo, o Modo de produção escravista.

Por exemplo, no modo de produção escravista.

O que é a propriedade privada no modo de produção escravista?

O escravo. Lembra que propriedade privada é

livre disposição da força de trabalho de outrem?

Como o dono do escravo dispõe da força de trabalho de outrem?

Sendo dono da pessoa. O trabalho de outra pessoa é

livremente disponível para o senhor de escravos.

A pessoa é Propriedade privada desse senhor.

Como isso funciona no capitalismo? As pessoas não são propriedade do capitalista, só que o capitalista é dono dos meios de produção.

Os meios de produção, ou seja, o que é necessário para execução do trabalho é retirado da mão dos trabalhadores, e os capitalistas controlam

a força produtiva dos trabalhadores através do trabalho assalariado.

Os trabalhadores são forçados a vender a sua força de trabalho para trabalhar nos meios de produção que foram retirados das mãos deles.

E como esse capitalista consegue tirar

esses meios de produção da mão dos trabalhadores?

Porque ele detém uma coisa chamada capital.

O que é capital? Capital pode ser resumido com algumas frases simples:

“capital é valor que gera valor”; “recurso que gera recursos”;

“riqueza que gera riqueza

capital”.Capital é dinheiro? Não. Mas, capital pode ser dinheiro? Sim.

O que eu quero dizer é que eles não são sinônimos.

O que você tem na sua carteira agora não é capital, tá?

Capital é um recurso que pode ser em forma de dinheiro que é

utilizado na aquisição dos Meios de produção.

Fábrica, máquina, terra, energia, matéria-prima e força de trabalho.

Uma vez que esses meios são adquiridos eles se tornam parte do capital.

Então, a fábrica, a máquina, a energia, a matéria-prima faz parte do capital, tá? Por isso que capital não é só o dinheiro.

Então, em suma, relações de produção capitalistas se baseiam

em divisão de classe, uma classe detém os meios de produção e não trabalha,

a outra detém apenas a sua força de trabalho e vende a sua força de trabalho.

O que nos leva a última característica das relações de produção:

a mercadorização das relações sociais.

No Capitalismo, a mercadoria é centro das relações sociais.

No capitalismo a gente não produz a nossa existência,

a gente compra a nossa existência.

Você não produz a seja sua comida, você compra sua comida.

Você não costura sua roupa, você compra sua roupa.

Você não constrói sua casa, você compra sua casa.

E você vende também a sua força de trabalho,

a sua força de trabalho se tornam a mercadoria.

Mas, o que é mercadoria? Mercadoria é algo que é produzido

para consumo de outra pessoa e para ser trocado no mercado.

Esse elemento da mercadoria merece mais atenção.

Porque, novamente, como a mercadoria é o centro de todas

as relações sociais do Capitalismo, ela precisa ser compreendida.

Antes disso, vamos recapitular tudo.

Vamos lá, vocabulário:

Modo de produção: interação entre forças produtivas e relações de produção.

O capitalismo é um modo de produção.

O que são Forças produtivas: como os humanos atuam sobre a natureza.

O que são Relações de produção: como os humanos atuam uns sobre os outros.

O que é Classe: divisão social do trabalho, (em oposição a divisão natural do trabalho), posição que se ocupa no processo produtivo.

Classe é determinada pelo quanto de trabalho você ganha? Não.

Se você ganha salário, você é trabalhador, tá?

Se você ganha salário, você é proletário.

“Ah, mas meu salário é 100 mil”, você é proletário.

Classe é determinada por divisão social do trabalho.

Classe é determinada por onde você está no processo produtivo.

O que faz isso ficar tão confuso é que a gente usa hoje em dia essa terminologia “Classe A”, “Classe B”, “Classe C”.

O que determina a classe para o Marxismo é

a posição que você ocupa no processo produtivo, tá bom? Então ‘tá bom.

Propriedade privada: livre disposição do trabalho de outrem.

Lembrando que nós estamos falando da propriedade privada dos Meios de produção. Não é a sua casa, não é o seu Corsa, não é o seu chinelo.

Meios de produção: o que é necessário para execução do trabalho.

Fábrica, matéria-prima, energia.

Capital: valor que gera valor, recurso que gera recurso, riqueza que gera riqueza.

Mercadoria: algo produzido para ser consumido por outro,

para ser vendido no mercado, show?

04 – Valor, Mais Valia e Socialismo Científico

Então, vamos lá, vamos para uma categoria que é difícil,

mas imprescindível para se compreender a Crítica da economia política do Marx.

Lembra que a gente falou que a mercadoria é centro das relações sociais?

Essa mercadoria, ela tem uma coisa chamada Valor.

A pergunta que tem que ser respondida é: qual é o Valor? Como esse Valor é determinado?

Então, eu vou começar com uma citação que me fez entender

Valor de uma vez por todas, tá?

Mas, eu vou começar com a citação,

e depois a gente vai descrever o Valor, e não contrário.

“…quando digo que um quarter (é uma medida de trigo) se troca por ferro

numa determinada proporção ou que o valor de um quarter de trigo

se expressa numa determinada quantidade de ferro,

digo que o valor do trigo ou seu equivalente em ferro são iguais

a uma terceira coisa, que não é trigo nem ferro, pois suponho que ambos

exprimem a mesma grandeza sob duas formas distintas.

Portanto, cada um desses dois objetos, tanto o trigo como o ferro,

deve poder reduzir-se independentemente um do outro, àquela terceira coisa,

que é a medida comum de ambos”.

Eu nunca mais esqueci essa citação.

Quando uma quantidade de trigo é igual uma quantidade de ferro,

não significa que uma igual ao outro,

mas que os dois são iguais a uma terceira coisa.

Essa terceira coisa é o Valor. Vamos lá, Valor.

O Valor. Talvez seja uma das categorias mais difíceis da Economia política, inclusive reconhecida pelo próprio Marx.

O Marx diz na introdução do O Capital que o primeiro capítulo é o mais difícil que é o que ele descreve o Valor, inclusive.

Nós temos mercadorias na sociedade, nós compramos nossas coisas.

Essas mercadorias têm Valor.

Lembra que eu falei para vocês olharem em volta

e pensarem em quem fez o que vocês têm?

Todos os objetos que vocês têm, todos, sem exceção, tem uma substância comum. Sabe qual é a substância comum de tudo que vocês têm? Trabalho.

O trabalho, gente, é uma substância social.

Toda mercadoria tem uma quantidade de trabalho cristalizado nela.

Valor é preço? Não, não. Valor é preço, chat? Não.

Todas as vezes que você acha que você não tá entendendo o que é Valor, certifique-se de que você não tá confundindo com preço, tá?

Vamos lá, o que determina o valor de uma mercadoria?

O trabalho socialmente necessário para confecção dessa mercadoria.

O que tem mais valor, gente, um copo ou um carro? Carro.

Por quê? Porque a quantidade de trabalho necessário para fazer

um carro é muito maior. Fazer um carro da muito mais trampo (trabalho) para fazer do que um copo.

Logo, o carro tem um valor muito superior ao do copo.

Isso quer dizer que se eu tiver uma fábrica de copo

e eu demorar o tempo que demora para fazer um carro para fazer esse copo, significa que o copo vai valer muito? Não, tá? Não. Pelo amor de Deus, não.

O valor é determinado pela quantidade de trabalho socialmente necessário.

O critério social é imprescindível.

O valor é determinado a partir da quantidade de trabalho num certo estado social e determinadas condições de produção de uma sociedade inteira.

É com quanto trabalho uma sociedade inteira consegue produzir um copo,

e não como você, indivíduo, consegue produzir o copo, beleza?

E o preço? Então, se valor não é preço, o que é preço?

O preço é a expressão em dinheiro do valor, expressão em dinheiro.

O preço costuma gravitar em torno do valor.

Esse preço que gravita em torno do valor, o Adam Smith, o Adam Smith,

não é o Marx, chamava de preço central.

Uma vez que uma mercadoria é produzida por trabalho

e ela vai ser vendida no mercado. Ela tende a se aproximar do seu valor.

Valor não é preço, valor é uma propriedade da mercadoria,

e o valor é determinado pela quantidade socialmente necessária de trabalho.

Pois bem, lembra que a gente falou que a mercadoria

é o centro de todas as relações sociais?

No Capitalismo, a nossa força de trabalho também é mercadoria.

A gente vende a nossa força de trabalho a preço de mercado.

Se a nossa força de trabalho é mercadoria

e o valor é uma propriedade da mercadoria.

Qual que é o valor da nossa força de trabalho?

O valor da nossa força de trabalho é determinado

pelo trabalho socialmente necessário também.

Só que de outra forma, o valor da sua força de trabalho é determinado a partir do valor de tudo que te reproduz.

É o valor de tudo que você precisa para existir.

Comida, roupa, casa, aquecimento, etc.

Tudo isso que você consome para existir

tem trabalho socialmente necessário para produzi-lo.

O Valor da sua força de trabalho é

a soma dos valores de tudo que você precisa para existir.

E, no Capitalismo, principalmente, com mão de obra extremamente desqualificada. Esse Valor da força de trabalho se aproxima muito do mínimo para você existir. Então, quando você vende a sua força de trabalho no mercado de trabalho,

por isso que a gente chama de mercado de trabalho,

você está a vendendo pelo seu valor,

e o valor da sua força de trabalho é determinado a partir do que você precisa consumir para existir.

E vocês conseguem auferir isso na realidade, gente.

Isso é o seu salário sendo pago para você comprar o mínimo para você existir, só.

Por que isso tudo é muito importante?

Porque entender o que é valor faz com que a gente compreenda

a maior descoberta da economia política marxista, que é a mais-valia.

Sem entender valor, a gente não entende mais-valia;

sem entender mais-valia, a gente não entende capitalismo.

“Mais-valia” pode ser “mais-valor”, também.

Entendem? Para entender mais-valor, a gente precisa entender valor.

Então, vamos lá: segundo Engels, a descoberta da mais-valia

é uma descoberta da mesma magnitude da teoria evolutiva de Darwin. Por quê?

Porque ela consegue expor, deixar nu, o mecanismo interno de exploração.

Quando a gente fala de exploração no capitalismo, gente, não é um juízo de valor.

A gente está descrevendo o mecanismo do capitalismo.

Falar de exploração no capitalismo não é juízo, é descritivo.

E isso só se compreende ao compreender valor e mais-valia.

Então, vamos lá: de novo, o que determina o valor de uma mercadoria

é o trabalho socialmente necessário vertido nessa mercadoria.

Quem executa esse trabalho?

É o trabalhador, não é o burguês. O burguês não trabalha, quem trabalha é o trabalhador.

Pois bem, ao trabalhar e criar esse valor, em troca, o trabalhador recebe salário.

Só que o salário do trabalhador é equivalente ao valor da força de trabalho dele,

e não ao valor que ele criou ao trabalhar!

Ou seja, enquanto o trabalhador está trabalhando, ele cria valor, cria valor, cria valor,

só que ele recebe o equivalente ao valor da força de trabalho dele na forma do salário.

Ou seja, o que ele cria não tem conexão com o que ele recebe.

O que ele recebe tem conexão com que ele precisa para viver.

Imagina o seguinte: se você tem uma jornada de 8 horas diárias de trabalho

e em 4 horas você produz o valor equivalente ao seu salário,

as outras quatro horas você trabalhou de graça.

Esse trabalho de graça a gente chama de trabalho suplementar.

O valor gerado nesse período suplementar é apropriado pelo burguês na forma da mais-valia,

ou mais-valor.

A mais-valia é o mecanismo pelo qual o burguês lucra.

E nós temos três tipos de mais-valia: absoluta, relativa e extraordinária.

A mais-valia absoluta se expande conforme as horas de trabalho se expandem.

Lembra o que eu falei? Você precisa de 4 horas diárias para gerar o valor do seu salário,

e sua jornada é de 8.

De repente, a jornada aumenta para 10, sem mudança de salário. Você gerou mais mais-valia.

Mais-valia absoluta: aumentou a jornada de trabalho, aumentou o lucro do patrão.

A mais-valia relativa é: imagina que você trabalha 8 horas por dia,

mas a fábrica ficou mais otimizada.

Em vez de produzir x cadeiras, você produz, no mesmo intervalo de tempo, 2x cadeiras.

Só que ‘cê recebe o mesmo salário.

Você aumentou a extração do valor de maneira relativa;

o tempo de trabalho é o mesmo, mas você produz muito mais.

E a mais-valia extraordinária tem relação com a produção dos mesmos objetos,

das mesmas mercadorias, em outras indústrias.

Por exemplo: se tem várias indústrias que produzem cadeira,

e uma delas descobre um jeito de produzir bem mais rápido, quando essa cadeira for para o mercado,

ela, por ser vendida por um preço parecido com as outras, vai ser mais lucrativa.

Então, a mais-valia extraordinária é relativa à indústria como um todo,

e quando uma indústria descobre um jeito de baratear os seus custos.

Essa mais-valia tende a se equilibrar de duas maneiras:

ou com as outras indústrias se otimizando também, ou com essa quebrando as outras e formando um monopólio.

E a questão é: o objetivo final de todo burguês é o aumento da extração de mais-valia. O aumento. O aumento.

Isso não é um juízo moral.

O Marx em momento algum faz juízo de valor.

Ele não fala “é ruim”, “é bom”, “é feio”, “é bobo”, “é cara de mamão”.

Você falar que o objetivo de cada burguês é a busca pelo aumento da mais-valia é descritivo,

porque isso é auferível, a gente consegue verificar isso na realidade.

E o que é importante aqui?

Ao extrair o lucro através da mais-valia, o burguês incorpora esse lucro de volta no capital dele.

Quando se extrai a mais-valia,

o burguês reinveste na produção para aumentar a extração dessa mais-valia.

Ele aperfeiçoa cada vez mais essa extração num ciclo infinito e incessante.

O capitalismo apresenta crises cíclicas desde que ele surgiu.

Já na década de 70 do século XIX, o Engels fala em sete crises do capitalismo. Sete! No século XIX!

Isso quando o capitalismo era bem menor do que é hoje;

quando ele estava restrito a alguns países, só.

Bom, vamos amarrar isso tudo?

A crítica da economia política de Marx se concentra em analisar o capitalismo.

O capitalismo é um modo de produção baseado no emprego da grande indústria,

da divisão do trabalho, da sociedade de classes, da propriedade privada,

da mercadoria como centro de relações sociais na exploração e expansão constante do capital.

Vamos recapitular alguns conceitos, aqui. Agora, nós vimos valor e mais-valia.

Valor: é uma “propriedade da mercadoria”.

E essa propriedade é “determinada pelo trabalho socialmente necessário”.

A mais-valia é o “valor gerado pelo trabalhador que é apropriado pelo burguês na forma de lucro”,

e que não retorna para o trabalhador.

Essa mais-valia pode ser: “absoluta”, quando se aumenta as horas de trabalho;

“relativa”, quando se aumenta a produtividade;

e “extraordinária”, quando se aumenta a produtividade em relação a outras fábricas. Tá bom?

E por que isso tudo é importante?

A gente não ia falar de comunismo? Por que a gente está falando tanto de capitalismo?

Compreender o modo de produção capitalista é necessário

para a gente caminhar em direção a outro modo de produção,

a transformar nossas forças produtivas e as nossas relações de produção.

Lembra que a gente falou que o marxismo e comunismo são avessos a utopismos? À utopia, idealismo?

Toda análise marxista, toda, parte da realidade material.

Esse é o objeto de estudo do Marx:

observar a realidade capitalista, a realidade em que ele estava vivendo.

Beleza? E aí, a gente entra no último pilar do marxismo,

que a gente chama de socialismo científico.

05 – Socialismo Científico

Agora que a gente tem uma análise básica (e põe básica nisso)

de como funciona o capitalismo, e agora?

A gente já viu o capitalismo explora, joga a gente na pobreza.

O que a gente faz?

Pois bem, o capitalismo desenvolveu as nossas forças produtivas de maneira inédita.

O capitalismo trouxe uma produtividade para a humanidade que nunca tinha sido vista.

Só que, ao mesmo tempo, ele arremessou uma quantidade imensa de pessoas na miséria,

na margem da sociedade.

Um monte de gente se proletarizou, perdeu tudo o que tinha,

passou a vender sua força de trabalho em troca do mínimo para existir

e trabalhar em jornadas exaustivas de trabalho.

Então, como é que a gente aumenta para caramba a produtividade e ao mesmo tempo a pobreza?

Como é que a gente aumenta a maquinaria e a automação, e as jornadas de trabalho ao mesmo tempo?

Como é que tem cada vez mais automação e o trabalho nunca diminui?

São essas contradições que vão ser objeto da nossa próxima análise.

Então, vamos lá: analisando o capitalismo,

a gente chegou à conclusão de que o capitalismo se baseia na exploração, correto?

Pois bem, a primeira conclusão que a gente pode tirar é:

se existe exploradores e explorados, sempre foi assim?

Sempre existiram exploradores e explorados, gente?

Vamos investigar isso.

A gente já sabe, também, que o mecanismo de exploração se dá através da propriedade privada.

O Marx, através do método (o materialismo histórico-dialético),

observa que nem sempre houve propriedade privada.

Não só; ao longo da história houve diferentes formas de propriedade privada.

A mesma coisa com classes sociais: nem sempre houve classes sociais e,

ao longo da história, as classes sociais são muito diferentes.

O que a gente pode tirar dessa observação que o Marx faz?

A existência das classes e da propriedade privada

está ligada a uma determinada fase do desenvolvimento da produção.

O que é importante disso?

Essa conclusão do Marx faz com que a gente consiga enxergar

que essas organizações sociais, essas organizações humanas, não são indispensáveis.

A propriedade privada não é indispensável para a sociedade humana.

As classes não são indispensáveis para a sociedade humana.

Então, a ideia de que sempre haverá patrões e empregados é falsa.

Não só isso; através da análise material do capitalismo,

o Marx chega à conclusão de que a gente já tem recursos para marchar em direção a outra sociedade,

com outras relações sociais.

Então, vamos lá, uma citaçãozinha aqui do Marx para a gente debater,

uma citação do Manifesto Comunista:

“Uma epidemia, que em qualquer outra época teria parecido um paradoxo,

desaba sobre a sociedade - a epidemia da superprodução.

O sistema burguês tornou-se demasiado estreito para conter as riquezas criadas em seu seio.”

O que o Marx está dizendo aqui?

Pela primeira vez na história, a sociedade humana teve o problema inverso do que ela vinha tendo.

Até então, a sociedade tinha um problema de falta de produção.

A sociedade tinha um problema de escassez.

O modo de produção capitalista conseguiu trazer um problema novo: excesso de produção.

A questão é: só existe excesso de produção no capitalismo

por conta das relações de produção capitalistas, que são ilógicas, são irracionais.

O capitalismo não produz para satisfazer nossas necessidades, ele produz para satisfazer o capital.

Se essa produção não vira capital, ela é descartada.

Ou seja, as relações de produção no capitalismo tolhem a nossa capacidade produtiva.

A gente é impedido de produzir mais e melhor por causa do capitalismo.

Então, segundo Marx, as relações capitalistas estão obsoletas. Obsoletas.

Elas precisam ser transformadas.

Essa transformação é possível? Não só é possível como, segundo Marx, é altamente provável. Por quê?

Conforme o capitalismo vai se desenvolvendo, ele gera as próprias contradições

que vão ser as responsáveis pela sua queda, de uma forma de outra.

Ao expandir-se, o capitalismo gera proletários,

proletários, proletários, cada vez mais, cada vez mais, cada vez mais.

Essa classe que ele cria é a classe que o antagoniza.

O grande trunfo do marxismo foi perceber que não só existem classes,

como essas classes são irremediavelmente antagônicas.

Elas nunca vão se harmonizar, porque elas têm interesses opostos.

A esse antagonismo entre as duas classes principais da sociedade capitalista,

nós damos o nome de luta de classes. Luta de classes.

Para o marxismo, toda e qualquer doutrina, todo e qualquer conjunto de princípios

que tente equilibrar as classes, harmonizar as classes, é utópico.

É falacioso. É uma fachada.

Sempre a classe dominante estará acima da classe dominada. Sempre.

Os utópicos, de que a gente falou anteriormente, não tinham perspectiva de classe nenhuma.

Eles queriam criar uma sociedade que harmonizasse toda a humanidade.

A perspectiva de classes, e a perspectiva de que as classes são antagônicas,

é fundamental para o que a gente chama de socialismo científico; que é como o Engels chama.

O termo surge em contraposição ao socialismo utópico.

E por que isso é importante?

Segundo Marx, a luta de classes entre burguesia e proletariado

vai desembocar numa ruptura com o capitalismo.

O que é importante no Marx é que não só ele identifica as classes

como ele dá o protagonismo revolucionário para a classe dominada.

O proletário se torna sujeito revolucionário.

O proletário pertence à classe que irá conduzir a revolução, diferente dos utópicos.

Os utópicos acreditavam que a classe trabalhadora era incapaz de conduzir qualquer mudança.

Que a mudança teria que vir de cima para baixo.

O Marx diz: não, a mudança vai vir de baixo para cima.

06 – Ditadura do Proletariado

E de que forma essa ruptura vai ser conduzida?

A classe proletária, tomando consciência de si, vai se organizar

e tomar o poder do Estado e instituir uma coisa chamada ditadura do proletariado.

O que significa ditadura do proletariado?

Para o Marx, nós vivemos numa ditadura da burguesia.

O Estado não surge como um aparato que equilibra a sociedade.

Vocês vão ver gente idealista, até hoje, falando que o Estado surge

para amenizar os conflitos da sociedade. Não.

Para o Marx, o Estado é um aparato de violência específica de classes.

O Estado surge para que a classe dominante mantenha a classe dominada no seu devido lugar,

através da violência.

Na sociedade capitalista, quem detém o aparato estatal é a burguesia.

O Estado é instrumentalizado pela burguesia para manter a burguesia no poder. Beleza?

Então, para o Marx, nós vivemos numa coisa chamada ditadura da burguesia.

Se tem capitalismo, tem ditadura da burguesia.

Ora, se o Estado é necessariamente um aparato de violência específica de classes,

quando a classe trabalhadora tomar o Estado, ele não vai continuar sendo isso?

Sim, exatamente. Só que essa pirâmide vai se inverter.

O Estado é um aparato de violência específica de classes;

com a classe trabalhadora tomando o aparato estatal,

ela vai utilizar do aparato do Estado para, através da violência,

erradicar a burguesia como classe.

O Estado é um aparato de violência específica de classes, e ele continuará o sendo.

Então, o Estado nas mãos da classe trabalhadora vai oprimir a burguesia até ela desaparecer,

e conforme as outras classes vão desaparecendo, o Estado se torna obsoleto.

Uma vez que não há mais classes para oprimir, o Estado não precisa mais existir,

e ele definha. Ele desaparece. Ele se torna inútil.

Essa é a visão de transição do socialismo para o comunismo do Marx.

Essa é a maneira como o Estado é extinto na visão marxista.

Tudo bem? Então, vamos voltar aqui.

“O socialismo científico: demonstra que a existência das classes

está ligada somente a determinadas fases do desenvolvimento da produção”.

Elas já não existiram. Elas podem deixar de existir.

Com a propriedade privada, a mesma coisa.

“A luta de classes conduz, necessariamente, à ditadura do proletariado”,

e “essa ditadura nada mais é do que a transição à abolição de todas as classes,

e a uma sociedade sem classes”.

Essa é a grande descoberta do Marx.

E aqui, a gente tem de fazer uma pequena observação:

eu tenho usado os termos socialismo e comunismo,

só que a gente precisa diferenciar uma coisa da outra.

Então, primeiro; socialismo e comunismo

só passam a ter o sentido que têm hoje depois da Revolução Russa.

O socialismo é a etapa de transição para o comunismo.

No socialismo, a classe trabalhadora vai estar no poder

e vai oprimir a burguesia até que as classes desapareçam.

No comunismo, as classes já não existem mais.

O Marx não usa esses termos.

O Marx usa “primeira fase da sociedade comunista” e “fase superior da sociedade comunista”.

A razão pela qual, depois da Revolução Russa, se troca os termos,

é histórica, e ela tem razão de ser.

Ela faz sentido na época em que ela surgiu.

Mas saibam que, daqui para frente, eu vou usar “socialismo” como transição

e “comunismo” como destino.

Outra coisa; o Marx não determina as características específicas do socialismo.

O Marx era um materialista. Pra ele, qualquer previsão ou qualquer receita era idealismo.

Toda sociedade deve partir de uma análise material. Real, tá? Não ideal.

O Marx não pode cometer o mesmo erro que ele criticou nos utopistas.

Então, o Marx só dá ideias gerais: socialismo é classe trabalhadora no poder,

ditadura do proletariado e transição em direção a uma sociedade sem classes.

Por isso que, todas as vezes que perguntam “quantas marcas de sabão em pó vai ter no socialismo?”,

tudo o que a gente responder vai ser só especulação. Não tem como saber.

A gente só vai saber os detalhes a partir da experiência.

E os soviéticos detalham muito mais o que é o socialismo. Por quê?

Porque eles tiveram uma experiência socialista! O Marx não tinha.

Logo, ele não ousou ficar prevendo o futuro para além do que ele sabia que era possível.

Ele sabia que era possível a classe trabalhadora tomar o aparato estatal;

sabia que era possível a classe trabalhadora usar o aparato estatal para oprimir a burguesia;

ele sabia que era possível. E foi possível. E foi feito!

Tudo isso foi feito a partir da análise material.

Outra coisa; isso significa que, depois da revolução,

no dia um do socialismo, todas as contradições vão embora?

Sumiu contradição. Morreu o capitalismo, morreu qualquer opositor, morreu tudo.

Não. Citação do Marx:

“Aquilo com que temos aqui a ver é com uma sociedade comunista,

não como ela se desenvolveu a partir da sua própria base,

mas, inversamente, tal como precisamente ela sai da sociedade capitalista;

[uma sociedade comunista], portanto, que, sob todos os aspectos

- Econômicos, de costumes, espirituais -,

ainda está carregada das marcas da velha sociedade, de cujo seio proveio”.

Então, aqui, só lembrando:

nessa citação, o Marx está usando a palavra comunismo como a gente usa palavra socialismo hoje, tá?

Aqui, o Marx está falando da primeira fase do comunismo.

Por isso eu tive de esclarecer o vocabulário, aqui.

Qual é a questão aqui? Uma sociedade sai do ventre da outra, gente;

e com isso carrega suas marcas de nascença.

Se nós temos uma sociedade capitalista machista e nós passamos por uma revolução,

a sociedade nova vai continuar sendo machista. Essa contradição não vai desaparecer.

A questão é que a nova sociedade nos dá a possibilidade de superar o machismo,

sendo que o capitalismo não dá.

O capitalismo não dá a possibilidade de superação de várias contradições.

“Ah, mas e Cuba? Cuba não era misógina? Cuba não era homofóbica?”

Cuba tinha saído de uma sociedade misógina e homofóbica.

O estranho seria se ela não fosse no dia um da revolução.

Então, não dá para a gente generalizar o socialismo, também,

porque cada experiência socialista vai sair de uma experiência capitalista diferente;

com suas particularidades e com suas contradições particulares. Tá bom?

Sobre o marxismo era isso.

Nós temos: materialismo histórico-dialético, economia política, socialismo científico.

07 – Partido leninista e Guida de Leitura

Agora, a gente vai para a última parte básica que é necessária e imprescindível.

A gente vai falar do Lenin, agora.

Esse Lenin.

Então, vamos lá. Por que a gente está falando do Lenin?

A essa altura, você já deve saber que a primeira revolução bem-sucedida

de caráter socialista foi a Revolução Russa de 1917.

Sobre a Revolução Russa, e sobre toda a experiência soviética,

eu precisaria fazer uma live separada.

Só que hoje a gente vai falar do líder máximo dessa revolução,

que é o Vladimir Ilyich Ulianov, ou Lenin.

Porque o Lenin é o maior marxista depois do Marx e do Engels.

Para quem não sabe, o Lenin é um grande teórico.

E não só grande, ele é incontornável.

Foi por causa do trabalho teórico do Lenin que a Revolução Russa foi possível.

E por que o Lenin é tão importante? Porque o Lenin dá uma dimensão operacional para o marxismo,

ele desenvolve um método para a aplicação prática do marxismo.

E tem vários elementos do que a gente chama hoje de leninismo, mas hoje eu só vou falar de um,

que talvez seja o central, que é o partido.

E vamos lá, vamos falar do partido.

Desde a época do Marx e do Engels já se sabia que era necessário organizar a classe.

O que o Lenin fez? Ele observou a realidade, assim como o Marx e o Engels faziam,

viu como a classe se organizava, e propôs uma nova forma de organização.

Essa nova forma de organização a gente vai chamar de partido leninista.

E aí a questão é o seguinte: quando a gente pensa em partido,

a gente pensa em várias legendas, com siglas, que disputam as eleições parlamentares.

Disputam o Congresso, disputam o Executivo.

Eu vou adiantar uma coisa para vocês: partido leninista não é isso.

Inclusive, ele não tem a menor intenção de ganhar as eleições, tá?

O partido leninista não surge para ganhar eleições.

O que é o partido leninista?

Partido leninista é o destacamento organizado da classe operária.

Já dizia Lenin, frase dele:

“O proletariado, na sua luta pelo poder, não tem outra arma senão a organização”.

O partido leninista, diferente dos partidos que disputam eleições,

se organiza sobre uma base revolucionária.

A ideia do partido é preparar e mobilizar a classe para a tomada do poder;

não de forma pacífica, mas de forma combativa.

A tomada do poder precisa ser feita de maneira combativa,

porque a classe dominante não vai ceder o poder de maneira voluntária.

Na Rússia, esse partido era o partido bolchevique.

Quais são os elementos desse partido?

Primeiro; o partido deve ser o destacamento de vanguarda da classe. O que significa vanguarda?

Vanguarda é um termo militar. Vanguarda significa quem está na frente, é o contrário de retaguarda.

A vanguarda são os melhores elementos da classe trabalhadora:

os trabalhadores mais experientes, mais dedicados, mais revolucionários, mais esclarecidos.

Esse partido deve se armar com uma teoria revolucionária;

outra frase do Lenin, famosa também:

“sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário”.

Só que esse partido ele não pode servir apenas para absorver o que a classe trabalhadora pensa.

Surge o partido, e aí a ideia não é ver o que a classe trabalhadora está pensando

e representar a classe a partir do que ela está pensando de maneira espontânea.

O partido tem de armar a classe com a teoria revolucionária;

porque, para o Lenin, a classe trabalhadora se organiza de forma espontânea.

Só que essa organização da classe trabalhadora é limitada.

A classe, quando se organiza de forma espontânea,

costuma lutar pela melhoria da sua condição imediata

— Melhoria de salário, redução de jornada, direito trabalhista —

mas ela não luta pela derrubada do sistema. Por quê?

Porque ela não consegue enxergar o mecanismo desse sistema.

Como o capitalismo é um sistema, é uma síntese, é uma abstração,

você não consegue chegar para o trabalhador, apontar e falar “o capitalismo está ali”.

Mas ele consegue ver que ele não consegue pagar as contas,

ele consegue ver que ele está trabalhando demais,

ele consegue ver que quando ele fica doente ele se ferra.

Isso ele consegue ver. E aí a classe vai se organizar.

Só que o partido não pode ficar só absorvendo essa demanda.

Ele tem de armar a classe com algo além. E esse algo além é a derrubada do sistema!

É por isso que esse partido precisa estar à frente da classe.

E veja bem, não é acima! Não é acima. É à frente! É à frente.

O partido tem de ser o chefe político da classe. Por quê?

Porque ele pode armar a classe com a teoria tática revolucionária.

Só que esse partido nunca pode se desconectar das massas.

Ele tem de ter os destacamentos avançados da classe, mas não se isolar da classe.

Ele tem de estar ligado nas massas e ele tem de convencer as massas.

O partido precisa trabalhar em proximidade com toda a classe trabalhadora

para ganhar crédito moral e crédito político através do exemplo, através do convencimento.

E, para isso, ele precisa ser organizado. O que isso quer dizer?

Dentro de um partido leninista, a disciplina deve ser férrea, só que voluntária.

Quando você entra no partido, você se submete voluntariamente a uma disciplina de ferro.

E isso é para despertar o espírito revolucionário nas classes, através do exemplo.

Isso quer dizer que o partido deve ser a única organização?

Não. Não deve. Não pode, inclusive.

A sociedade tem de ter uma série de organizações de classe:

sindicato, cooperativa, organização, associação, juventude.

No caso da Rússia, uma muito importante: os sovietes.

Os sovietes, gente, são os conselhos de fábrica que foram feitos de maneira espontânea.

A questão é: o partido não consegue trabalhar em todas as áreas da classe trabalhadora sozinho.

O partido deve trabalhar em proximidade com essas organizações

para conectar essas organizações em prol da luta emancipatória.

Ele deve centralizar a tática dessas organizações.

Como? De forma forçosa? Não, através do convencimento.

Os membros do partido vão entrar nessas organizações, conversar com os trabalhadores,

convencer os trabalhadores, demonstrar a necessidade da luta pelo exemplo,

se aproximar dessas organizações e conquistar o apoio político das massas.

O partido bolchevique fez exatamente isso.

O partido bolchevique não fez uma revolução enquanto ele não tinha conquistado maioria nos sovietes.

Os sovietes eram os principais órgãos da classe trabalhadora;

o partido trabalhava próximo dos sovietes

tentando o tempo todo convencer os sovietes da necessidade de uma revolução,

conseguiu convencer a classe, ganhou maioria nos sovietes, e aí sim conduziu uma revolução.

O Lenin não só teorizou, ele fez! Ele aplicou!

Vocês estão entendendo a importância do cara?

Então, o partido tem duas funções (resumindo, tá?):

conduzir a classe para a revolução e, depois da revolução, manter a revolução;

ou seja, ele tem uma função pré, uma função pós-revolução.

Independentemente do que você achou de tudo o que eu falei;

“ah Ian, não gostei. Não gostei. Achei o partido... ruim. Achei autoritário. Não gostei”;

independentemente do que você acha, esse método do Lenin é extremamente eficiente.

Já ouviram falar em China? Cuba? Coreia? Vietnã? Albânia? Burquina Fasso?

Todos, todos usaram o método leninista.

Independentemente do que você acha, o partido leninista é um método extremamente eficiente

para a tomada de poder pela classe. Extremamente eficiente.

Então, vamos lá. Vamos revisar?

“Partido”. O partido leninista é: o “destacamento organizado da classe”.

Esse destacamento deve ser de “vanguarda”; ou seja, estar à frente da classe, não acima,

Esse partido deve estar “armado com teoria”, teoria revolucionária.

Esse partido tem uma disciplina voluntária e férrea.

Esse partido “deve mobilizar a classe para a Revolução”, e depois da revolução “deve manter a revolução”.

Isso é o partido. Tem vários, vários, vários outros elementos leninistas sobre organização

e sobre outras coisas.

A questão é: o Lenin era um monstro. O cara escrevia compulsivamente.

Quando ele teve um derrame, os médicos tiveram que pedir pelo amor de Deus

para ele parar de escrever, para ele não morrer.

Ele ficou limitado a escrever dez minutos por dia para não ter outro derrame.

O Lenin é uma máquina de marxismo. Então, para entender organização de verdade, tem de ler o Lenin.

Tem de ler de verdade.

Vamos para o final, gente?

Lembra que eu falei que ia dar um guia de leitura para vocês se aprofundarem?

Então, vamos para o nosso guia de leitura, e o que eu vou falar é o seguinte:

eu vou sugerir uma ordem, e vai ser essa ordem que eu vou apresentar aqui.

Todos os livros, menos este que está na tela,

vão estar disponíveis de forma gratuita na descrição do vídeo.

Então, vamos lá. Se você, depois de ver a live, ainda estiver se sentindo inseguro,

leia esse livro do Grespan, “Marx: uma introdução”.

É um livro super curto que serve para introduzir todo mundo no vocabulário marxista,

e eu recomendo até para quem quer aprender a ensinar marxismo, porque é um livro bastante didático.

Aí, o primeiro texto que eu sugiro depois dessa live

é um texto minúsculo do Lenin chamado “As Três Fontes e as Três Partes Constitutivas do Marxismo”.

É um texto que o Lenin inscreveu no aniversário de 30 anos de morte do Marx,

e o Lenin fala quais são as fontes marxistas

que têm justamente esses três elementos de que a gente falou: filosofia. política e economia.

Recomendo muito a leitura, é um texto muito pequenininho e bastante esclarecedor.

Lembrando que o Lenin não teve acesso a todos os textos do Marx, e nós temos acesso hoje.

Então, tem texto aí que está faltando, simplesmente porque ele não teve acesso.

Próximo. São dois juntos aqui, ó:

“Princípios Básicos do Comunismo” do menino Engels,

e “Manifesto do Partido Comunista” dos meninos Marx e Engels.

Um pouquinho de história para vocês:

o Marx e o Engels, na década de 40, entram em algo chamado Liga dos justos.

O que era a Liga dos Justos?

Era uma organização de egressos da Alemanha,

que era uma mistura de idealismo alemão com socialismo utópico.

O Marx e o Engels entram na liga sob a condição de poderem alterar a linha política da liga.

Então, eles: mudam o nome da Liga dos Justos para Liga dos Comunistas;

trocam lema o de “todos os homens são irmãos” para “trabalhadores de todos os países, uni-vos!”;

e ficam encarregados de escrever o programa da Liga.

Na primeira reunião da Liga, o Engels vai, o Marx não.

E aí o Engels fica encarregado de escrever e ele escreve esse livro, “Princípios Básicos do Comunismo”.

Só que ele escreve em forma de catecismo, em perguntas e respostas.

O Marx não gosta do formato de catecismo e propõe o formato de manifesto.

E aí, eles juntos escrevem “O Manifesto do Partido Comunista”.

Esse primeiro livro do Engels, Princípios Básicos do Comunismo, nunca foi publicado.

Não em vida, ele foi publicado depois.

Tem tópicos que o Engels não responde, porque ele era um rascunho.

O Manifesto Comunista é um livro muito importante,

porque ele é o primeiro livro mais bem acabado do marxismo com todos os seus elementos centrais.

Ele tem três coisas importantes: uma análise histórica como ponto de partida;

a perspectiva de classes como eixo;

e colocar classe proletária como revolucionária, como sujeito revolucionário.

O Manifesto do Partido Comunista é o documento político mais importante da história.

Esse documento mudou o mundo. Vale a pena ler e reler e ler de novo.

Mais: em 1877, o Engels já velho, já maduro, escreve um livro chamado “Anti-Dühring”,

que é uma crítica à filosofia de um cara chamado Eugen Dühring.

O Engels faz uma crítica tão concisa, e expõe de maneira tão competente o marxismo,

que o livro faz um sucesso meio inesperado.

E aí ele extrai três capítulos do Anti-Dühring, que é um livro grande,

e publica na forma desse livro aqui: “Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico”

no qual ele fala sobre alguns pensadores utópicos

e contrapõe com o pensamento do materialismo histórico-dialético.

Esse é bem interessante, igualmente curto, vale muito a pena ler.

Mais um: “Salário, Preço e Lucro”.

O Salário, Preço e Lucro é uma palestra que o Marx deu em 1865 na Associação Internacional dos Trabalhadores.

E, nesse livro,

o Marx justamente está falando sobre como o salário não está relacionado com o preço da mercadoria.

E aqui, para explicar isso, ele explica valor e mais-valia.

Então, eu recomendo também. É um texto curto porque é uma palestra;

e eu recomendo como o primeiro texto do Marx sobre a crítica da economia política.

Aí, se você estiver se sentindo ousado;

crítica da economia política, o magnânimo do Marx: “O Capital”.

O Capital são três calhamaços, três livros enormes, assim, que demorou 16 anos para ele escrever.

Vale a pena ler. Mas, se você não estiver se sentindo tão ousado, vou recomendar um outro livro:

“Manual de Economia Política” da Academia de Ciências da União Soviética.

É um livro igualmente gigante;

mas ele tem, por conta da experiência soviética, um trecho que O Capital não tem,

que é sobre o modo de produção socialista.

Então, se você tem essas dúvidas do tipo: “como é a organização do trabalho no socialismo?”,

“como é a mais-valia no socialismo?”, “como é a fábrica no socialismo?”,

“como é o modo de produção?”, e tal; esse livro fala sobre isso.

Eu recomendo esses dois, tá? Mas são livros gigantescos,

não são livros para você deixar na cabeceira e ler toda noite, é para consultar.

Mais um: “A Ideologia Alemã”.

O Lenin não teve acesso a esse texto. Esse texto é um texto que o Marx e o Engels escrevem em 1846,

criticando os jovens hegelianos, e é o melhor exemplar que a gente tem sobre materialismo histórico.

Apesar do livro ser gigante, eu recomendo só o primeiro capítulo, o mais importante, que é o “Feuerbach”.

Esse livro foi o que eu li na faculdade para entender materialismo histórico.

Ele parece grande, mas na verdade só o primeiro capítulo é o mais essencial.

Mais um: “Crítica do Programa de Gotha”.

“Ah, Ian, eu nem sei o que é Gotha. Por que eu leria esse livro sendo que eu nem sei o que é Gotha?”

O Programa de Gotha era o programa da unificação dos partidos operários alemães.

O Marx, ao criticar o programa de unificação desses partidos,

expõe muito mais a respeito do socialismo.

Então, ele fala sobre: ditadura do proletariado, primeira fase do comunismo,

fase superior do comunismo, fala sobre o papel do Estado.

Ele fala sobre o período de transição do socialismo para o comunismo.

Esse livro é muito importante; ele é muito curto, também. Muito curto.

E aí, passando para o Lenin. A gente fala o tempo todo: “leia Lenin, leia Lenin!”.

Vamos ler Lenin, então, né?

Primeiro livro: “Que Fazer?”. O Que Fazer é um livro que o Lenin escreve em 1902,

para o Segundo Congresso do Partido Operário Social-Democrata Russo.

O Lenin fazia parte de um partido nessa época, o Partido Operário Social-Democrata Russo,

e ele escreve esse livro para apresentar as ideias de partido dele,

que virariam o Partido Leninista, no Congresso.

Esse livro é um exemplar perfeito de como o Lenin pensava a organização partidária revolucionária.

Mais um: “O Estado e a Revolução”.

Esse livro é um livro que é até bom ler como o primeiro livro do Lenin, também. Por quê?

Aqui, o Lenin fala sobre o papel do Estado numa revolução

— Muito parecido com o que o Marx faz na Crítica do Programa de Gotha —

falando sobre qual é o papel do Estado uma revolução, como a classe trabalhadora deve gerir o Estado,

para que isso serve; e o que é o Estado, ele teoriza o Estado, também.

Esse livro aqui, se vocês forem ler, é Marx e Engels de cabo a rabo.

Aqui vocês conseguem ver como ele dominava o assunto.

E, por último, uma parte da teoria leninista que eu não falei, mas que é igualmente importante.

O Lenin identifica que o capitalismo entrou numa nova fase: a fase imperialista.

O capitalismo se expande de tal maneira

que ele se torna capitalismo monopolista, e os países do centro do capitalismo

começam a disputar a divisão do território do planeta Terra por recursos.

O Lenin teorizar a nova fase do capitalismo foi o que tornou possível a Revolução Russa, gente.

Então, esse livro aqui é essencial, porque o imperialismo ainda é nosso maior inimigo.

Entender o papel do imperialismo no capitalismo global

é fundamental para qualquer perspectiva revolucionária, qualquer uma.

Eu vou deixar todos esses livros de forma gratuita na descrição, gratuita.

Todos estão disponíveis no marxists.org, em português, menos esse aqui.

Esse aqui, como o senhor Jorge Grespan não precisa pagar as “contas” dele,

esse livro aqui precisa ser “adguirido” (adquirido).

Mas é isso, gente. Essa foi a live de hoje, “Princípios Básicos do Comunismo”.

Espero que vocês tenham aprendido alguma coisa.

É uma live que eu fiz para ser consultiva, e eu estimulo vocês a fazerem perguntas, tá?

Se vocês quiserem me perguntar alguma coisa que ficou pouco clara, podem perguntar.

Eu só não prometo responder rápido, porque eu tenho recebido muitas mensagens.

Mas eu dou o meu melhor porque como professor eu preciso tirar dúvidas desse tipo também.